REVISTA DE CULTURA VISUAL
e-ISSN 2184-1284

N.º 18 | 2026

# *God Bless America*: A Performance do Artivista Bad Bunny no "Super Bowl LX" Como Resistência à Necropolítica Estadunidense

*God Bless America*: The Performance of the Artivist Bad Bunny at "Super Bowl LX" as Resistance to United States Necropolitics

https://doi.org/10.21814/vista.7480
e026018

**Sthefane Felipa da Costa Pereira**

**Marina Santiago Dalton**

**Fabíola Orlando Calazans Machado**

© Autores

*Vista, N.º 18, 2026, e026018*
https://doi.org/10.21814/vista.7480

# *God Bless America*: A Performance do Artivista Bad Bunny no "Super Bowl LX" Como Resistência à Necropolítica Estadunidense

**Sthefane Felipa da Costa Pereira**
Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Faculdade de Comunicação, Universidade de Brasília, Brasília, Brasil
Concetualização, curadoria dos dados, análise formal, investigação, metodologia, administração do projeto, visualização, redação do rascunho original

**Marina Santiago Dalton**
Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Faculdade de Comunicação, Universidade de Brasília, Brasília, Brasil
Concetualização, curadoria dos dados, análise formal, investigação, metodologia, administração do projeto, visualização, redação do rascunho original

**Fabíola Orlando Calazans Machado**
Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Faculdade de Comunicação, Universidade de Brasília, Brasília, Brasil
Concetualização, supervisão, visualização, redação – revisão e edição

**Resumo**

Neste artigo, investigamos a performance de Bad Bunny no espetáculo do intervalo do "Super Bowl LX", de 2026, compreendendo-a como acontecimento midiático, que tensiona discursos sobre políticas migratórias, nacionalidade e latinidade nos Estados Unidos. Ao realizar uma performance majoritariamente em espanhol e com referências à cultura latino-americana, o artivista porto-riquenho inscreve no palco um gesto de resistência e insurgência estético-política. Buscamos investigar quais as potencialidades evocadas por esse acontecimento enquanto produção artística, que trouxe visibilidade midiática a um contexto de necropolítica e xenofobia nos Estados Unidos. Em termos metodológicos, recorremos à análise do acontecimento (França & Lopes, 2017; Quéré, 2005; Simões, 2014), articulando-a aos debates sobre artivismo, corporeidade e necropolítica. A análise se estrutura em cinco etapas: (a) descrição do acontecimento e de seus enquadramentos; (b) narração dos sentidos produzidos pelos diferentes atores sociais; (c) identificação do pano de fundo pragmático que orienta sua recepção pública; (d) caracterização dos problemas públicos suscitados pelo evento; e (e) análise de sua normalização, observando a permanência de efeitos e longevidade da capacidade de afetação. As duas últimas etapas serão mais exploradas em estudos futuros, para aprofundar a investigação da recepção pública, bem como da disputa pela normalização da resistência quanto ao enfrentamento das políticas anti-imigratórias nos Estados Unidos. Entendemos que os sentidos produzidos pela performance são engendrados pela corporeidade do artivista e de sua inserção em uma cena midiático-esportiva de alcance mundial. Verificamos que a performance estético-política de Bad Bunny acionou a visibilidade de experiências historicamente marginalizadas, tensionando fissuras nos discursos políticos sobre migração e pertencimento. Ao confrontar a tradição patriótica associada ao evento estadunidense, em meio a um contexto de recrudescimento das políticas migratórias estatais e de intensificação de discursos xenófobos, sua apresentação revela a potência do artivismo no enfrentamento à necropolítica e, no limite, à prática de resistência simbólica no espaço público contemporâneo.

**Palavras-chave**
acontecimento, artivismo, Bad Bunny, corporeidade, necropolítica

# *God Bless America*: The Performance of the Artivist Bad Bunny at "Super Bowl LX" as Resistance to United States Necropolitics

**Abstract**

This article examines Bad Bunny's performance during the 2026 "Super Bowl LX" halftime show, reading it as a media event that challenges discourses on migration policies, nationality, and *Latinidad* (Latin American identity) in the United States. By performing predominantly in Spanish and incorporating references to Latin American culture, the Puerto Rican artivist stages an act of aesthetic-political resistance and insurgency. We seek to investigate the potentialities evoked by this event as an artistic production that brought media visibility to a context of necropolitics and xenophobia in the United States. Methodologically, we draw on event analysis (França & Lopes, 2017; Quéré, 2005; Simões, 2014) and bring it into dialogue with debates on artivism, corporeity, and necropolitics. The analysis is structured in five stages: (a) description of the event and its framings; (b) an account of the meanings produced by different social actors; (c) identification of the pragmatic background that shapes its public reception; (d) characterisation of the public problems raised by the event; and (e) analysis of its normalisation, examining the persistence of its effects and the longevity of its capacity to affect. Future studies will explore the final two stages in greater depth to further investigate public reception, as well as the contest over the normalisation of resistance in confronting anti-immigration policies in the United States. We argue that the meanings produced by the performance emerge through the artivist's corporeity and his presence within a global media and sporting event. We find that Bad Bunny's aesthetic-political performance brought visibility to historically marginalised experiences, exposing fractures in political discourses on migration and belonging. By confronting the patriotic tradition associated with this United States event, amid increasingly restrictive State migration policies and intensifying xenophobic discourse, his performance reveals artivism's potential to confront necropolitics and, ultimately, enact symbolic resistance in contemporary public space.

**Keywords**
event, artivism, Bad Bunny, corporeity, necropolitics

## Introdução

Performances musicais, enquanto produções de visualidades, podem atuar na esfera política ao proporcionar que a imagem opere como suporte de narrativa e espaço de disputas de sentido sobre identidade e pertencimento. Esse é o caso da performance de Benito Antonio Martinez Ocasio, de nome artístico Bad Bunny, no "Super Bowl LX", de 2026. Na ocasião, sua apresentação atingiu aproximadamente 124,9 milhões de espectadores (Nielsen, 2026), alcançando índices inéditos de audiência mundial. Ao realizar uma apresentação quase totalmente em espanhol, destacando a cultura latina, o artivista porto-riquenho tensiona a lógica patriótica estadunidense já estrutural no tradicional evento da National Football League (NFL). Sua decisão idiomática e posicionamento inscrevem no palco uma performance que enaltece a cultura latino-americana, em um contexto atual marcado por políticas restritivas e de combate à imigração nos Estados Unidos (Chade, 2025).

De modo a investigar a corporeidade e a produção de sentidos decorrentes do acontecimento que foi a apresentação de Bad Bunny no intervalo do "Super Bowl LX" da NFL, bem como a repercussão midiática, o problema de pesquisa busca compreender de que forma essa performance pode ser compreendida como uma prática artivista de resistência às políticas migratórias dirigidas aos corpos migrantes latino-americanos nos Estados Unidos.

Portanto, analisamos comentários de espectadores durante o evento de transmissão do "Super Bowl LX" no YouTube da NFL e a primeira matéria de cobertura do evento nos três veículos jornalísticos mais influentes no ecossistema midiático estadunidense (Newman et al., 2025): Fox News, CNN e *The New York Times*. Procuramos compreender como a opinião pública se manifestou nos comentários, bem como foi ativada pelos sentidos dos títulos das matérias.

Empregamos a análise do acontecimento (França & Lopes, 2017; Quéré, 2005; Simões, 2014) e a discussão teórica embasada nos conceitos de "artivismo" (Correch, 2019; Freitas, 2019; Raposo, 2015), "corporeidade" (Merleau-Ponty, 1945/2011; Porpino, 2018) e "necropolítica" (Mbembe, 2011/2018). Entendendo que as produções de sentidos desenvolvidas pela performance estético-política de Bad Bunny se dão no e por seu corpo durante sua apresentação, objetivamos investigar quais as potencialidades evocadas por esse acontecimento enquanto produção artística, que trouxe visibilidade midiática a um contexto de necropolítica e xenofobia nos Estados Unidos.

## Enquadramento Teórico

### Artivismo Como Prática de Resistência Cultural

Na contemporaneidade, o fortalecimento de práticas que articulam arte e ativismo torna-se cada vez mais frequente. O artista não é somente criador de objetos estéticos, mas produtor de significados e participante de disputas por transformações sociais concretas (Groys, 2014). O artivismo está nesse cruzamento, na relação intrínseca entre arte e política, conduzindo a uma transformação na percepção da realidade capaz de criar insurgências (Rolnik, 2018) e questionar relações de poder (Raposo, 2015). Trata-se de uma prática híbrida, uma estratégia política que, por meio da ação coletiva, aciona a experiência estética para produzir resistências e ampliar possibilidades de transformação social (Serafini, 1999). De acordo com Vieira (2007), o artivismo pode ser entendido como uma arte de compromisso político, que interpreta o mundo promovendo determinadas interpretações e/ou se separa desta realidade ao negar a performatividade econômica e comunicacional dominante. Ou seja, uma arte que denuncia, mas também intervém ativamente.

Segundo Correch (2019), são múltiplas as práticas artivistas que surgem em territórios marcados por relações pós-coloniais, pois o artivismo tem potencial de contestação de narrativas hegemônicas. Em contextos marcados pela colonialidade do poder

(Quijano, 2005), diferentes formas de dominação e exercício do poder continuam operando na administração da sociedade contemporânea, condicionando uma gestão desigual da vida e da morte. Nesse sentido, a necropolítica (Mbembe, 2011/2018) é o efeito direto de uma colonialidade gestora da vida, que define quais grupos devem ser protegidos e quais devem ser tratados como ameaças. Nesse cenário, migrantes frequentemente tornam-se corpos abjetos (Butler, 2009/2015; Kristeva, 1982), os quais, não raro, são submetidos a políticas de controle, vigilância e exclusão. Nesta pesquisa, nos interessa pensar sobre a lógica necropolítica a partir das políticas migratórias dos Estados Unidos.

O artivismo atua, nesse contexto, como ferramenta de enfrentamento às narrativas coloniais. Corpos racializados e marginalizados podem, por meio da arte, produzir resistências e epistemologias alternativas que operam além do escopo da denúncia, mas também como instrumento interventivo capaz de gerar insurgências e reconfigurar o entendimento coletivo acerca dos modos de interpretar a realidade. Uma produção artística com teor político age como "uma resposta estético-política aos dispositivos de extermínio" (Freitas, 2019, para. 2). Nesse quadro, determinadas performances musicais atuam como práticas artivistas, que, por meio da linguagem e da corporeidade, tensionam e ressignificam modos de representação de populações historicamente marginalizadas. Corpo, voz e presença podem produzir em cena uma resistência simbólica frente a dispositivos contemporâneos de exclusão e morte.

## Necropolíticas no Contexto Estadunidense

Observando modos de exercício do poder e formas de dominação contemporânea, em diálogo com a ideia de "biopoder" (Foucault, 1979/2008), Mbembe (2011/2018) expõe que, além de compreender a gestão da vida, é preciso discutir a gestão da morte. É urgente observar os mecanismos pelos quais o poder produz a morte (física e simbólica) de determinados sujeitos, de maneira a perceber dinâmicas sociais que expõem indivíduos subalternizados às violências e abjetificação sistemática de suas existências. Nessa perspectiva, o autor conceitua o termo "necropolítica" a fim de nomear políticas que ditam quem deve viver e quem deve morrer, considerando o Estado como agente soberano que gerencia a vida e morte dos sujeitos.

O biopoder, portanto, utiliza instrumentos necropolíticos para se manifestar e controlar a mortalidade de seus cidadãos, criando estruturas com o objetivo de provocar a destruição de certos sujeitos, seja por meio de guerras, resistências e luta contra o terror para criar um inimigo comum. Determinados grupos sociais são considerados abjetos e submetidos a condições de marginalização e vulnerabilidade, sendo constantemente abandonados e expostos às violências do próprio Estado, tornando a vida dessas populações menos protegida e passível de luto. Nessa perspectiva, a soberania é exercida tanto na capacidade de governar a vida quanto para definir quem pode viver e quem pode morrer.

Ao elaborar o conceito de "necropolítica", Mbembe (2011/2018) examina essa lógica a partir de experiências históricas como colonialismo, escravidão e nazismo, evidenciando como diferentes regimes de poder, guiados pela soberania estatal, conduziram populações

à violência, abandono e morte. Nesta pesquisa, utilizamos o conceito para compreender as políticas migratórias contemporâneas, especificamente dos Estados Unidos, marcadas pela intensificação do controle, vigilância e securitização das fronteiras. Atualmente, a intensificação de discursos anti-imigração contribui para a criminalização da mobilidade humana e produz sentidos sobre migrantes como ameaça social e alteridade indesejável, legitimando práticas de precarização da vida, como, por exemplo, exclusão, detenção e deportação em massa dos imigrantes no país (Chade, 2025).

Conforme Chade (2025) expõe, essas dinâmicas ficaram visíveis, particularmente nos últimos anos, com a intensificação do debate público em torno da imigração latino-americana, que, frequentemente, tem potencializado discursos nacionalistas e xenofóbicos. Sujeitos migrantes passaram a ser assolados por discursos desinformativos que os associam a aspectos negativos, como problemas de segurança pública, criminalidade e violência. Assim, a questão migratória tornou-se um dos principais motes da campanha política de Donald Trump à presidência dos Estados Unidos, com ameaças e práticas de deportação em massa, sendo um dos pilares para a polarização política do país, que mobilizou sentidos de medo e reforço da identidade nacional "americana". Vale ressaltar que essas políticas migratórias propostas por Trump são concentradas em grupos específicos de imigrantes, sendo os latino-americanos — em especial, os mexicanos — os mais afetados, segundo dados apresentados pelo Departamento de Segurança Nacional dos Estados Unidos (Oropeza, 2025).

Após ganhar as eleições em 2024, o Governo Trump intensificou políticas migratórias restritivas, as quais se tornaram prioridade na agenda governamental. Dentre as medidas adotadas, destacam-se a ampliação dos mecanismos de deportação, restrição de programas de proteção humanitária, fortalecimento das operações conduzidas pelo Serviço de Imigração e Controle de Aduanas (ICE) dos Estados Unidos e recrudescimento dos processos de entrada e permanência de estrangeiros no país (Clarke, 2025). Sob a perspectiva de Mbembe (2011/2018), essas ações são mais do que estratégias administrativas, podendo ser interpretadas como práticas contemporâneas da racionalidade necropolítica, uma vez que produzem formas de diferenciação e classificação para reconhecimento e proteção da vida, vulnerabilizando grupos de pessoas qualificadas como ameaça. Tais práticas são acompanhadas por discursos que reforçam produções de sentidos que relacionam sujeitos imigrantes a um potencial inimigo ameaçador a ser combatido, contribuindo para a estigmatização da comunidade imigrante, em especial, latino-americana.

Desse modo, os latino-americanos nos Estados Unidos passam a ser um grupo social marcado permanentemente como suspeito, ameaçador, inimigo e descartável. Essas diferentes formas de gestão da vida e da morte são legitimadas pelo Estado, não só na esfera jurídica, como também potencializadas na esfera subjetiva na circulação de sentidos e afetos. As fronteiras ultrapassam os limites físicos e territoriais e passam a operar também nas fronteiras simbólicas, que classificam e selecionam os corpos em "legítimos" e "ilegítimos" no reconhecimento nacional, determinando quem pode circular, permanecer e pertencer ao corpo social estadunidense.

Nesse cenário, a performance de Bad Bunny no espetáculo de intervalo do "Super Bowl LX" adquire relevância analítica. Ao ocupar o maior palco midiático dos Estados Unidos e celebrar a cultura latino-americana, o artista produz uma prática artivista que tensiona e subverte narrativas hegemônicas de exclusão, reconfigura disputas de sentido atribuídas a sujeitos migrantes e engendra insurgências aos regimes de verdade que marginalizam a identidade latina. Para Rolnik (2018), insurgência é a resistência à captura da vida no sentido de recuperar e reativar a potência do sujeito face ao regime colonial-capitalístico. Assim, o artivismo de Bad Bunny se materializa por meio de sua própria corporeidade artística, transformando corpo, voz e presença em instrumentos de resistência e insurgência política.

## Corporeidade e Produção de Sentidos

Se a necropolítica atua na gestão desigual da vida e da morte, seus efeitos não são distribuídos aleatoriamente, incidindo de maneira mais evidente sobre corpos subalternizados por disputas históricas de poder, expostos à precarização da vida e produzidos como "outros". Compreender a corporeidade interessa, assim, para observar como determinadas práticas de exclusão e pertencimento são socialmente produzidas, considerando os processos históricos e socioculturais por meio dos quais determinados corpos são vulnerabilizados e "fundamentalmente desprovido de membrana de proteção" (Mbembe, 2020/2021, p. 157). Fala-se, portanto, de corpos cuja condição de abjetificação não constitui um estado individual, mas como efeito de dinâmicas históricas de racialização e colonialidade, que continuam participando ativamente da distribuição desigual sobre quem é reconhecido como pertencente, fundamentada por uma visão eurocêntrica de ser e estar no mundo.

Segundo a compreensão do "biopoder" para Foucault (1976/1988), "as disciplinas do corpo e as regulações da população constituem os dois polos em torno dos quais se desenvolveu a organização do poder sobre a vida" (p. 131). Ou seja, disputas de poder e interesse hegemônico se regulam e agem por meio dos corpos, da sua disciplina prática e física, mas também moral e simbólica. Nesse cenário, faz-se interessante pensar o corpo a partir da abordagem teórica da corporeidade, que o permite entender para além de uma representação física e visual, mas também como objeto e território de disputas de poder capaz de engendrar sentidos e, por vezes, subverter a lógica dos regimes de verdade. Deste modo, a corporeidade é entendida a partir das relações de poder e dominação que antecedem e condicionam os modos pelos quais os sujeitos são reconhecidos no mundo em diferentes posições de subordinação social e possibilidades de existência.

De acordo com Porpino (2018), a teoria da corporeidade "pretende contribuir para um entendimento do ser humano que não se reduza às dicotomias instaladas em nossa cultura. A realidade do corpo é complexa, abrangendo o diálogo entre as múltiplas dualidades da existência" (p. 20). A partir dessa compreensão, a corporeidade pode ser pensada para além das estruturas hegemônicas de representação do corpo ocidental, sendo possível pensar o corpo como unidade e, ao mesmo tempo, multiplicidade. O

corpo é o meio que possibilita a percepção e transformação do mundo e, simultaneamente, a percepção e transformação do sujeito. Ainda que o corpo seja objeto no mundo, submetido às condições de apagamento, silenciamento, morte e descarte sistematizadas pela necropolítica, é também condição da experiência, modo de ser e estar no mundo, meio para a produção de sentidos, enfim, sujeito. Nessa perspectiva, o corpo não é apenas representação da materialidade física, é também os modos como o sujeito vive sua relação com o mundo e, de tal modo, permite reconfigurar a produção de sentidos para um espaço de reconhecimento, pertencimento e resistência.

Para a fenomenologia de Merleau-Ponty (1945/2011), corpo e mundo são compostos por um mesmo tecido e interagem por meio de uma relação recíproca, em uma máxima da simultaneidade de antagonismos proposta pela corporeidade na qual corpo e mundo são um só. A corporeidade, nesse sentido, elucida as simultaneidades internas ao corpo, mas também entende a relação entre corpo e mundo como dialógica e interconectada. Logo, produção e experiência estética são formas de o corpo conhecer a si mesmo e transformar o mundo, ao mesmo tempo em que conhece o mundo e transforma a si mesmo. Toda criação artística seria uma manifestação e significação que parte do corpo, sendo o corpo do artista em cena aquele que "carrega também o dizer de todos os corpos e mundo que se relacionam com aquele instante" (Dalton & Calazans, 2025, p. 13).

Pela noção de "partilha do sensível", de Jacques Rancière (2000/2005), a arte seria capaz de reorganizar o sensível, criar novas formas de ver, ouvir e sentir, trazer para o campo comum corpos, ações, discursos e vozes tratados como invisíveis ou inaudíveis, enfim, contestar a ordem sensível estabelecida. Logo, ao partilhar o sensível, redefinimos e reorganizamos sistemas de percepção e regimes de visibilidade pelos quais uma comunidade passa a ser não só vista, dita ou ouvida, mas, principalmente, reconhecida em determinado contexto social. Quando corpos historicamente subalternizados conquistam espaços de visibilidade, produzem deslocamentos na ordem hegemônica do sensível. A arte possui papel central nesse processo, pois possibilita outras experiências, narrativas e sensibilidades anteriormente excluídas, logo, quando um corpo historicamente produzido como "outro" ocupa espaços de poder, sua presença pode tensionar significados anteriores e reorganizar os sentidos de reconhecimento desses corpos.

A corporeidade de Bad Bunny enquanto performance artivista, constitui um espaço que denuncia a necropolítica estadunidense e torna-se um potente produtor de sentidos ao dar direcionamento à experiência estética do público e redefinir naquele instante o que é visível, audível e significativo. Mais do que uma performance, sua voz, seu corpo e sua presença mobilizam disputas de sentidos sobre a latinidade e sobre o que significa ocupar a posição de um corpo latino, racializado e produzido como "outro", em um país marcado pela permanência de assimetrias de poder constituídas pela colonialidade.

## Abordagem Metodológica

Neste artigo, escolhemos como veio metodológico a análise do acontecimento para compreender a performance de Bad Bunny no espetáculo do intervalo do "Super

Bowl LX", tomando-a como um fenômeno comunicacional potencialmente capaz de produzir afetações coletivas e mobilizar disputas de sentido em torno da identidade latino-americana contemporânea. Mais do que um espetáculo musical, a apresentação de Bad Bunny constitui um acontecimento que gerou visibilidade para questões sociopolíticas emergentes nos Estados Unidos. Assim, entendemos que a corporeidade do artista não é apenas suporte da mensagem em uma performance artivista, pois é também espaço de reivindicação política (Serafini, 1999) contra necropolíticas (Mbembe, 2011/2018).

A perspectiva de acontecimento utilizada para esse estudo fundamenta-se nos estudos de Queré (2005), França e Lopes (2017) e Simões (2014), autores que compreendem o acontecimento para além da dimensão factual. Nesse sentido, um acontecimento não corresponde apenas a um fato situado no tempo ou a uma ocorrência cotidiana, mas a uma experiência social "com grande poder de afetação, que suscita inquietações, demanda escolhas e provoca ações" (França & Lopes, 2017, p. 73), bem como elaboram e alteram sentidos na esfera subjetiva dos sujeitos.

De tal maneira, um acontecimento, quando associado à mídia, pode produzir rupturas interpretativas nas disputas de sentidos "como um esquema de percepção e de representação da realidade construído pela mídia" (Simões, 2014, p. 177). Não se trata apenas de um relato da realidade propagado pelas mídias, sem dados que o precedem, mas, pelo contrário, é orientado por produções de sentidos anteriores, que influenciam a experiência dos sujeitos, em uma dimensão temporal que pensa o passado, presente e futuro desses processos no coletivo. É, portanto, um processo experiencial que convoca públicos e instaura novos enquadramentos subjetivos às questões coletivas.

A análise do acontecimento amplia o horizonte metodológico para compreendermos a performance de Bad Bunny no Super Bowl como um fenômeno comunicacional circular, situado nas dinâmicas midiáticas e construção simbólica dos fatos. Esse método observa a visibilidade da realidade cotidiana dos sujeitos, entendendo o acontecimento como dispositivo capaz de reorganizar percepções, interpretações e afetos coletivos que são compartilhados sobre a realidade social. Podemos, então, problematizar como e por que certos fatos podem afetar mais que outros, evidenciando a lógica de seleção, repetição e hierarquização que envolve sua aparição no espaço público. Isso porque "um acontecimento pode revelar uma situação imprevista ou desvelar o caráter problemático de um determinado tema ou questão em jogo" (Simões, 2014, p. 182), indicando que a força simbólica não se apega ao acontecimento em si, mas às produções de sentido que o antecedem e sucedem.

A escolha da análise do acontecimento como metodologia justifica-se pelo entendimento de que a performance de Bad Bunny superou os limites do entretenimento e pode ser compreendida como prática artivista, ao trazer relevância pública sobre questões relacionadas à colonialidade, imigração, xenofobia e identidade latino-americana no contexto estadunidense contemporâneo. Interessa-nos analisar não somente a apresentação em si, mas também como essa performance foi percebida e interpretada, observando de que maneira as disputas de sentido se reconfiguraram no debate público após a apresentação.

O *corpus* de análise é composto pela apresentação de Bad Bunny no espetáculo do intervalo do "Super Bowl LX", transmitida pela NFL, em fevereiro de 2026, com duração de 13 minutos e disponível no YouTube (https://youtu.be/G6FuWd4wNd8). Utiliza-se como material para a investigação da repercussão midiática comentários desse vídeo no YouTube e a primeira matéria publicada sobre o tema nos três veículos mais influentes dos Estados Unidos: FOX News, CNN e *The New York Times* (Newman et al., 2025).

Além da análise do acontecimento, utilizamos a teoria da corporeidade como categoria analítica complementar para compreender a performance de Bad Bunny. Partindo do entendimento de que o corpo não atua somente como pilar da ação do artista, entendemo-lo como uma ação política, um agente discursivo, uma instância produtora de sentidos que articula experiências estéticas às identidades coletivas. Interessa-nos observar as potências simbólicas que foram mobilizadas pelo artivista, como voz, gestualidade, cenografia, língua, figurino e presença corporal, na participação da construção discursiva da performance e que contribuem para a produção de sentidos sobre latinidade e para narrativas relacionadas à imigração e necropolítica nos Estados Unidos.

A partir dos estudos de Quéré (2005), de França e Lopes (2017) e de Simões (2014), a operacionalização da análise é feita a partir de cinco etapas metodológicas: descrição, narração, identificação do pano de fundo pragmático, caracterização do problema público e normalização. A descrição corresponde ao enquadramento da situação, de modo a identificar os elementos constitutivos do acontecimento. A narração refere-se ao processo narrativo por meio do qual o acontecimento é relatado e significado por diferentes atores sociais, observando como determinadas interpretações são produzidas e circulam no espaço público. Nesta etapa, a corporeidade é mobilizada como categoria analítica e ponto de partida para diálogos com outros atores do processo, a fim de compreender como a corporeidade de Bad Bunny produz sentidos e elabora discursos na performance. A identificação do pano de fundo pragmático corresponde à recepção do acontecimento na percepção pública, compreendendo as condições históricas, políticas, econômicas e culturais que a antecedem. A caracterização do problema público discute se o acontecimento possui relevância pública a ponto de gerar tensões sociais e mobilizações coletivas. Por fim, a normalização examina a durabilidade e os limites do poder de afetação, investigando os desdobramentos do acontecimento e sua permanência no imaginário social. As duas últimas etapas, contudo, serão mais exploradas em estudos futuros, para aprofundar a investigação da recepção pública, bem como da disputa pela normalização da resistência quanto ao enfrentamento das políticas anti-imigratórias nos Estados Unidos.

A aplicação dessas cinco etapas nos possibilita compreender a performance e a corporeidade de Bad Bunny não apenas como espetáculo musical, mas como um acontecimento comunicacional e artivista que produz sentidos sobre a identidade latino-americana, tensionando e reconfigurando os regimes de verdade referentes à necropolítica e ao discurso anti-imigração nos Estados Unidos.

## A Performance de Bad Bunny Como Acontecimento Artivista

A seguir, analisamos o acontecimento que foi a apresentação de Bad Bunny no espetáculo do intervalo do "Super Bowl LX", a partir das cinco etapas metodológicas propostas por Quéré (2005), França e Lopes (2017) e Simões (2014), observando a corporeidade, as possibilidades simbólicas e a produção de sentidos que foram manifestadas na performance do artivista.

### Descrição

O espetáculo do intervalo do "Super Bowl LX" foi realizado pelo cantor porto-riquenho Bad Bunny em 8 de fevereiro de 2026, no Levi's Stadium, localizado em Santa Clara, Califórnia. Além do artista, participaram da performance os cantores Lady Gaga e Ricky Martin, convidados para compor momentos específicos do espetáculo. O Super Bowl acontece anualmente durante a final do campeonato da NFL e é considerado um dos maiores eventos midiáticos dos Estados Unidos e um dos mais assistidos no mundo. Em sua 60.ª edição, a transmissão alcançou aproximadamente 124,9 milhões de espectadores, além de reunir cerca de 71 mil pessoas presencialmente no estádio (Nielsen, 2026). Segundo dados divulgados pela NFL (National Football League, 2026), o evento registrou um pico de audiência de aproximadamente 137 milhões de espectadores, configurando uma das maiores audiências da história do campeonato. Com duração aproximada de 13 minutos, a apresentação articulou músicas, danças, cenografias e figurinos e construiu uma narrativa centrada em referências à cultura porto-riquenha e latino-americana.

O espetáculo inicia com um cantor segurando um violão diante de um canavial, entoando a frase "que maravilha ser latino! Hoje é dia de beber", um bordão de exaltação e orgulho à identidade latina. Em seguida, surge no telão o nome completo de Bad Bunny, acompanhado dos dizeres "o espetáculo do intervalo do Super Bowl", marcando o início da apresentação. Vestido com um uniforme branco de futebol americano e segurando uma bola, o artista aparece entre trabalhadores rurais em meio ao canavial cênico enquanto inicia sua performance.

Ao longo da primeira parte do espetáculo, Bad Bunny percorre diferentes cenários que remetem ao cotidiano latino-americano. Durante o trajeto, passa por uma barraca de coco gelado, idosos jogando dominó em uma praça, mulheres fazendo as unhas, trabalhadoras em uma obra, uma barraca de *piraguas* (gelo raspado coberto com calda aromatizada), uma barraca de tacos, lutadores de boxe, um vendedor de joias e um casal durante um pedido de casamento.

Na sequência, Bad Bunny passa a se apresentar sobre o telhado de uma casa, enquanto diversos artistas latinos ocupam a parte inferior da estrutura. Em seguida, o artista cai do telhado e atravessa o interior da residência que abriga uma família reunida e retoma a saída, onde um grupo de dançarinos apresenta coreografias de reggaeton e trap latino ao redor de uma caminhonete, sobre a qual o artista continua cantando.

O espetáculo prossegue com novas mudanças cenográficas. Um corredor de músicos tocando violinos surge, enquanto Bad Bunny interage com a câmera e o público. Posteriormente, vemos um casamento de verdade encenado ao vivo, com participação de

Lady Gaga, que interpreta uma canção própria em inglês, mas adaptada ao ritmo da salsa, acompanhada pela banda porto-riquenha Los Sobrinos e por vários dançarinos. Enquanto os recém-casados celebram e cortam o bolo, Bad Bunny e Lady Gaga dançam ao lado dos convidados, ao som da canção "Baile Inolvidable" (Baile Inesquecível). Na sequência, o artista acorda uma criança que estava dormindo entre os bancos da cerimônia.

O cenário muda novamente, com Bad Bunny saindo do casamento carregado por um grupo de dançarinos. O novo cenário é composto por estabelecimentos comerciais inspirados em espaços porto-riquenhos, como uma barbearia e um mercadinho. Nesse momento, enquanto os dançarinos fazem coreografias inspiradas na salsa e no dembow, uma senhora lhe entrega uma bebida alcoólica em uma loja identificada pela palavra "conejo" (coelho), tendo ao fundo uma bandeira de Porto Rico.

A apresentação continua com uma entrega simbólica de um prêmio Emmy a uma criança que assiste à televisão ao lado dos pais. Em seguida, vê-se Ricky Martin sentado em uma cadeira plástica, cantando diante de um cenário composto por bananeiras, em referência à capa do álbum *Debí Tirar Más Fotos* (Eu Deveria Ter Tirado Mais Fotos), de Bad Bunny. Ao fundo, trabalhadores posicionados em postes de energia encenam interrupções e oscilações elétricas. Durante essa sequência, Bad Bunny aparece segurando uma bandeira de Porto Rico e sobe em um dos postes enquanto canta.

No encerramento do espetáculo, o artista profere a expressão "God bless America" (Deus abençoe a América) e passa a enumerar os países do continente americano, enquanto segura uma bola de futebol americano com os dizeres "juntos, nós somos América", respectivamente. Ao mesmo tempo, músicos com pandeiros e dançarinos carregam bandeiras dos países mencionados. Ao final da apresentação, o artista caminha pelo campo e, ao fundo, o telão apresenta a frase "a única coisa mais poderosa que o ódio é o amor", enquanto Bad Bunny se retira do espetáculo.

## Narração

Tomando como ponto de partida o corpo de Bad Bunny, como principal ator social, que produz e circula significados nesta performance, iniciamos a discussão do processo narrativo por uma análise de sua corporeidade, investigando se e como acontece a mobilização de outros atores sociais em seu discurso.

A performance de Bad Bunny no "Super Bowl LX", de 2026, expõe em cena a corporeidade latino-americana de tal forma que, para além de mero entretenimento, sua performance assume fortemente um caráter político e transformador. Seu corpo latino, submetido a dispositivos de necropolítica estatais que intencionam silenciá-lo ou invisibilizá-lo, ocupa o palco de um dos maiores eventos culturais do planeta, desafiando normas raciais hegemônicas. Trata-se do corpo de um homem latino heterossexual, conforme declara em entrevistas (Lucca, 2026), mas que quebra estereótipos de masculinidade em diversas de suas performances e aparições públicas ao dançar com requebrado e utilizar roupas fluidas, maquiagem e unhas pintadas.

Nessa aparição específica, o corpo de Bad Bunny está vestido com um uniforme de jogador de futebol americano, o que mobiliza uma referência ao evento do qual está

participando e um importante símbolo estadunidense. Contudo, ao utilizar esse figurino em uma performance que traz uma corporeidade repleta de latinidade, sendo que a grande mobilização e provocação do espetáculo está nos corpos latinos, na representação imagética de espaços, tempos e sujeitos diversos daqueles defendidos pela necropolítica estadunidense, também a escolha da vestimenta traz ousadia e ressignificação. Ou mesmo, uma proposta de aproximação inicial para cativar mais públicos a observar e escutar o discurso de enfrentamento que sua corporeidade mobiliza no decorrer da apresentação.

A própria voz do cantor destaca sua origem latina, pois a maneira como ele escolhe cantar ressalta a nasalidade vocal característica de músicas latinas, além, é claro, de sua opção por realizar a apresentação quase inteira em espanhol: "el espectáculo de medio tiempo del Súper Tazón" (o espetáculo do intervalo do Super Bowl), eram os dizeres de abertura da performance. Também sua articulação minimalista de palavras evidencia seu sotaque porto-riquenho e, mesmo na linguagem verbal escrita, Bad Bunny reforça essa voz com sotaque, como, por exemplo, no título da canção "NUEVAYoL", uma representação escrita da adaptação fonética e cultural de porto-riquenhos referindo-se a Nova York. Ainda, o artista se utiliza de uma intenção rítmica percussiva nos trechos de rap de sua performance do Super Bowl, o que foge ao padrão desse gênero musical estadunidense e traz, mais uma vez, sua própria subjetividade para a enunciação. Sabendo que a voz é parte componente fundamental do corpo, sua corporeidade latina é enfatizada na sua performance por esses aspectos vocais.

A ambientação da apresentação também carregou fortes simbolismos latinos, como a montagem de um canavial cênico com trabalhadores do campo, idosos jogando dominó, a representação de uma típica casa porto-riquenha, bailarinas apresentando *perreo* (uma dança sensual típica de Porto Rico) e casais dançando salsa. Ao final da apresentação, Bad Bunny carrega uma grande bandeira de Porto Rico com o triângulo em azul claro, a tonalidade que representa símbolo de resistência, orgulho cultural e movimento de independência, em oposição ao azul escuro que é a versão adotada pelo governo e associada ao alinhamento com os Estados Unidos (Agrelo, 2020). O artista profere um discurso no qual seu corpo e voz enumeram os países que compõem o continente americano, deixando por último os países norte-americanos, ressignificando a célebre frase estadunidense "God Bless America" e segurando uma bola de futebol americano com os dizeres "juntos, nós somos América". Ao listar os países a partir do Sul Global, sua fala também inverte a percepção de superioridade dos países do norte, cristalizada pela projeção de Mercator do mapa-múndi tradicional. Ao fundo, o telão exibiu a frase "a única coisa mais poderosa que o ódio é o amor" enquanto uma multidão de pessoas de diferentes idades e corpos levava as bandeiras de todos os países americanos para o centro do campo do "Super Bowl LX", em um movimento de ocupação e resistência. Essa construção enfatiza a ideia do artivista de defender a América Latina como importante componente, inclusive majoritário, do continente, e não como periferia. Bad Bunny encerra sua apresentação com a canção "DtMF", faixa título de seu álbum de 2025, pulando, abraçando e gritando ao lado dos companheiros de cena, de maneira a ficar sem ar e falhar a voz, indicando potência e comprometimento com a causa.

Sumariamente, a corporeidade de Bad Bunny e seu artivismo aparecem na performance pela ocupação do espaço, congregando em seu discurso a narrativa de diversos outros corpos latinos. Se a necropolítica estadunidense representa um poder hegemônico desumanizador para imigrantes e latinos, seu corpo no palco do Super Bowl se torna símbolo de resistência, pois, conforme afirma Foucault (1976/1988), onde há poder, há resistências. Por meio da arte e da performance, a latinidade se apropria daquele território simbólico, representado fisicamente pelo palco e metaforicamente pelo imaginário do público, de tal forma a criar um espaço alternativo, um contraespaço (Foucault, 1994/2009), que contesta ou inverte a lógica normalizada. O artivismo é por excelência formado por contracondutas, resistências ativas contra estratégias de dominação dos sujeitos, que criam alternativas e resistências. Nesse caso, a contraconduta de Bad Bunny transforma o palco de um dos maiores eventos estadunidenses em contraespaço.

## Identificação do Pano de Fundo Pragmático

Para compreender a potência simbólica da apresentação de Bad Bunny, é necessário considerar as condições sócio-históricas que antecederam os sentidos que circulam esse acontecimento, ultrapassando sua dimensão de fato cotidiano isolado e evidenciando sua relevância na construção de significados coletivos.

O espetáculo do "Super Bowl LX" insere-se em um momento marcado pelo recrudescimento das políticas migratórias estadunidenses e pela intensificação dos debates públicos sobre a imigração latino-americana. Em um cenário de polarização política, o segundo governo de Donald Trump voltou à questão migratória como prioridade na agenda política. O fortalecimento das deportações em massa, bem como a ampliação dos mecanismos de vigilância e criminalização dos estrangeiros no país, passaram a ser propagados pela mídia e por diferentes atores sociais (Chade, 2025). Paralelamente às transformações institucionais, essas medidas foram intensificadas e tensionadas também na esfera subjetiva, com a circulação de discursos feitos por atores políticos que associam constantemente os migrantes à criminalidade, à insegurança e à desordem social, enquanto fortalecem discursos nacionalistas sobre a identidade estadunidense.

Na compreensão de que a maioria dos imigrantes deportados dos Estados Unidos são originários da América Latina, sobretudo do México (Oropeza, 2025), percebe-se que esses discursos afetam particularmente essas populações latino-americanas. A figura do imigrante latino deixa de ser representada apenas como força de trabalho ou ajuda humanitária e passa a ser associada a sentidos que o elaboram como uma alteridade inimiga que precisa ser combatida. Essa construção de sentidos contribui para legitimar práticas de exclusão e precarização da vida, que podem ser compreendidas à lente da necropolítica proposta por Mbembe (2011/2018).

Esse quadro evidencia como a latinidade tornou-se objeto de disputas de sentidos nos regimes de verdade, devido à crescente presença demográfica dessas populações nos Estados Unidos. Se, por um lado, há a intensificação de discursos nacionalistas excludentes que buscam reafirmar a legitimidade norte-americana e restringir fronteiras territoriais e simbólicas sobre o pertencimento nacional; por outro, possibilita a insurgência

de outras sensibilidades e formas de resistência que exaltam a diversidade étnica e cultural que constitui a presença latina no território norte-americano contemporâneo.

O Super Bowl, como um dos maiores eventos midiáticos do país, possui valor simbólico central nesse processo, pois mais do que um evento esportivo, o espetáculo funciona como um espaço privilegiado para a produção de sentidos coletivos. Historicamente, o espetáculo do intervalo vem servindo como vitrine dos valores culturais norte-americanos, sendo um instrumento potente de criação de visualidades e narrativas propagadas pelos artistas que se apresentam nesse espaço público.

A performance de Bad Bunny como intervenção artivista surge nesse cenário justamente na intersecção dessas disputas, adquirindo relevância particular por representar um marco na história do evento. Ao tornar-se o primeiro artista latino-americano masculino a protagonizar o espetáculo de intervalo do Super Bowl e realizar uma performance predominantemente em espanhol, o artista ultrapassa os limites do entretenimento e torna-se artivista, colocando no centro do maior palco da cultura estadunidense visualidades positivas que exaltam a cultura latino-americana, frequentemente posicionadas como periféricas. Dessa forma, a performance não é apenas um espetáculo musical, mas uma intervenção política, que confere visibilidades inéditas aos símbolos latinos e mobiliza novos debates sobre imigração, pertencimento e identidade no continente americano.

## Caracterização do Problema Público

A fim de compreender se e como o acontecimento gerou tensões sociais e mobilizou sentidos na opinião pública, analisamos os comentários publicados no vídeo oficial do espetáculo de Bad Bunny no intervalo do "Super Bowl LX" no canal da NFL, no YouTube, bem como três reportagens dos principais veículos de comunicação nos Estados Unidos: Fox News, CNN e *The New York Times*. Essa análise não pretende esgotar os impactos e desdobramentos do acontecimento, mas identificar elementos que dialogam diretamente com o problema de pesquisa e com os objetivos deste estudo. Logo, não propomos uma leitura quantitativa dos comentários do YouTube ou das reportagens sobre o tema de três das marcas jornalísticas de maior influência nos Estados Unidos (Newman et al., 2025), considerando um olhar qualitativo sobre algumas repercussões de interesse, bem como enquadramento do título e subtítulo da notícia.

Nos comentários do YouTube do referido vídeo, há uma postagem fixada pela própria NFL desafiando o público a nomear o máximo possível de celebridades que aparecem durante o espetáculo, a qual possui mais de 900 respostas. Ainda que não seja uma pergunta que incentive diretamente uma reflexão política, essa discussão leva o público a notar como a grande maioria das celebridades que aparecem na performance, com exceção de Lady Gaga, são latinos ou de ascendência latina, como o cantor porto-riquenho Ricky Martin, o ator chileno Pedro Pascal e a rapper norte-americana de ascendência dominicana e porto-riquenha Cardi B.

Outros comentários de usuários exaltam especialmente o trecho em que Bad Bunny enuncia o nome dos países do continente americano, declarando que esse teria

sido o "toque do chefe" ou agradecendo ao cantor por uma aula gratuita de geografia aos estadunidenses, satirizando o senso comum de que os Estados Unidos não são bons nessa disciplina, mas ao mesmo tempo trazendo à tona uma discussão política da cultura extremamente patriótica e com falta de consciência social geográfica e humanitária do país. Há, ainda, comentários de pessoas enaltecendo referências da cultura latina trazidas pelo cantor, como a criança que dorme em três cadeiras unidas durante a festa de casamento.

Importante ressaltar também a existência de comentários bastante posteriores à data da performance: alguns usuários escreveram no início de maio de 2026 sobre seu orgulho de serem latinos; uma usuária postou um comentário no início do mês de junho de 2026 dizendo que chorou terrivelmente assistindo à performance e que, ainda que fale uma língua diferente do espanhol, acredita que existem muitas pessoas com a esperança de um fim da xenofobia. Esse fato ressalta a amplitude de repercussão do acontecimento e a intensidade do afeto mobilizado pela performance do artista em relação ao enfrentamento dos dispositivos de necropolítica contra imigrantes nos Estados Unidos.

Observamos também a repercussão midiática da performance de Bad Bunny nas primeiras notícias publicadas pela Fox News, CNN e *The New York Times* sobre o acontecimento após o espetáculo. A reportagem da Fox News, intitulada *Bad Bunny's Super Bowl Halftime Show Ignites Trump's Fury, Divides Viewers* (O Espetáculo de Bad Bunny no Intervalo do Super Bowl Provoca a Fúria de Trump e Divide os Telespectadores; https://www.foxnews.com/sports/bad-bunnys-super-bowl-halftime-show-ignites-trumps-fury-divides-viewers), enfatizou uma polarização da opinião pública gerada pela apresentação, destacando reações diversas sobre a performance, que incluíram tanto elogios à pluralidade cultural e identitária das Américas quanto críticas do Presidente Trump e de espectadores incomodados com o predomínio da língua espanhola durante a performance. O subtítulo da matéria destaca a palavra "frustração", evidenciando que a escolha da língua espanhola ultrapassou a questão linguística e tornou-se um marcador identitário tensionando concepções nacionalistas sobre pertencimento à nação estadunidense, principalmente após a fala do Presidente Trump afirmando que o espetáculo de Bad Bunny "não representa nossos padrões de sucesso, criatividade ou excelência". A repercussão polarizada observada pelo jornal demonstra que a performance acionou sensibilidades já presentes no debate público relacionadas à imigração latino-americana e à defesa da identidade nacional anglo-centrada.

Já a CNN reportou o acontecimento como *Bad Bunny's Super Bowl Halftime Performance Redefined What It Means to Be an American Patriot* (A Apresentação de Bad Bunny no Espetáculo do Intervalo do Super Bowl Redefiniu o que Significa Ser um Patriota Americano; https://edition.cnn.com/2026/02/09/entertainment/bad-bunny-america-super-bowl-liam-ramos), interpretando a performance do artivista como uma intervenção política capaz de redefinir o patriotismo estadunidense. Os sentidos tensionados, portanto, evidenciam um problema público marcado por conflitos e divisões sociais sobre o que significa ser norte-americano, a partir de um olhar positivo que vê a América além dos Estados Unidos, e a compreende como uma união diversa e plural do continente americano.

O *The New York Times*, por outro lado, destacou em sua matéria "Best and Worst of Bad Bunny's Super Bowl Halftime Show" (Os Melhores e os Piores Momentos do Espetáculo do Intervalo de Bad Bunny no Super Bowl; https://www.nytimes.com/2026/02/09/arts/music/bad-bunny-super-bowl-halftime-show-best-worst.html). Ao destacar simultaneamente os melhores e piores momentos da apresentação, o jornal reconheceu disputas de sentidos que tensionam um caráter polarizado e controverso para o acontecimento na opinião pública, atribuindo relevância às declarações políticas e aos símbolos mobilizados pelo artista durante a performance. Observa-se, assim, que o acontecimento produziu sensibilidades e desencadeou debates públicos divergentes sobre o reconhecimento da identidade nacional estadunidense.

A apresentação tornou visível uma questão que ultrapassa a experiência individual de Bad Bunny e diz respeito a milhões de sujeitos migrantes que nunca deixam de ser posicionados como estrangeiros e, não raro, são considerados inimigos, mesmo que participem ativamente da construção socioeconômica do país.

A repercussão midiática da performance demonstra que o acontecimento exteriorizou um problema público que nos instiga a pensar sobre colonialismo, identidade, imigração e pertencimento destinado às populações latinas no território estadunidense. Os veículos de comunicação analisados destacaram o caráter político da performance, sendo interpretado como uma resposta ao contexto anti-imigração e à invisibilidade latina vivenciada nos Estados Unidos atualmente. Nesse sentido, a performance artivista de Bad Bunny desloca pautas relacionadas à imigração em insurgências que denunciam xenofobias e necropolíticas, levando-os para o interesse coletivo.

## Normalização

Nesta etapa, buscamos compreender os limites e a permanência do poder de afetação do acontecimento. Algo que outrora foi percebido como uma ruptura pode ser paulatinamente integrado aos sistemas de significação social, de modo a se tornar inteligível e explicável como partícipe do cotidiano das pessoas. Mesmo que o acontecimento tenha ocorrido em um momento específico do presente, seus efeitos podem atravessar a duração do espetáculo e continuar a circular por meio de notícias, vídeos, comentários em redes sociais e em conteúdos produzidos pela imprensa.

Com uma ampla repercussão, a performance de Bad Bunny não se esgota na experiência imediata da transmissão, permanecendo por meio da veiculação de diferentes fragmentos midiáticos do espetáculo que continuaram a ser compartilhados e reinterpretados, prolongando sua presença na continuidade do debate público. O impacto cultural, portanto, expõe mensagens de valorização da cultura latina e da resistência aos discursos anti-imigração, tornando-se um dos principais eixos de produção de sentidos do evento. Assim, o potencial artivista de Bad Bunny está em buscar romper com interpretações e enquadramentos necropolíticos, a fim de gerar não só fissuras nas lógicas necropolíticas, mas também afetação e inteligibilidade social de resistência assimilável à experiência coletiva.

Como todo acontecimento, sua capacidade de afetação encontra limites temporais, com as disputas de sentidos mobilizadas não alterando imediatamente as estruturas políticas e institucionais que sustentam a exclusão da cultura latina e cercam os problemas públicos expostos. Ainda assim, esse acontecimento segue produzindo fissuras nos regimes de verdade dominantes ao tornar legítimas outras formas de representação da identidade latino-americana. Desse modo, a performance de Bad Bunny permanece relevante não apenas como um espetáculo musical, mas como um acontecimento comunicacional e artivista que tensiona os discursos hegemônicos e gera insurgências sobre identidades e pertencimento no território estadunidense.

## Considerações Finais

Neste artigo, discutimos a apresentação de Bad Bunny no Super Bowl como uma prática artivista cuja performance estético-política extrapola os limites do entretenimento, tensionando políticas anti-imigração e enquadramentos necropolíticos dirigidos às populações latino-americanas residentes nos Estados Unidos. A performance analisada mostrou mobilização simbólica e insurgente latino-americana, tensionando regimes de visibilidade e pertencimento em um dos maiores eventos midiáticos mundiais. Verificamos que a performance estético-política de Bad Bunny acionou a visibilidade de experiências historicamente marginalizadas, provocando fissuras nas narrativas sobre migração e pertencimento.

A repercussão do acontecimento evidenciou que a disputa de sentidos não se encerra na performance. Ainda que o artivismo de Bad Bunny tenha produzido deslocamentos relevantes nos debates sobre pertencimento, identidade e imigração, parte significativa dos enquadramentos midiáticos privilegiou a lógica da polarização da opinião pública. Mais do que normalizar a ruptura estético-política promovida pelo artivista, a cobertura midiática analisada contribuiu para fortalecer a própria polarização, deslocando a crítica das estruturas de exclusão para o embate entre posições discordantes. Ao confrontar a tradição patriótica associada ao evento estadunidense, em meio a um contexto de recrudescimento das políticas migratórias estatais e de intensificação de discursos xenófobos, a apresentação de Bad Bunny evidencia a potência do artivismo como forma de enfrentamento às lógicas necropolíticas e, no limite, como prática de resistência simbólica no espaço público contemporâneo.

## Agradecimentos

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil — código de financiamento 001.

## Referências

Agrelo, J. (2020, fevereiro). *The Puerto Rican flag's evolving colors say a lot about the island's relationship with its colonial rulers.* Mother Jones. https://www.motherjones.com/politics/2020/01/puerto-rico-flag-gag-law-resistanceflag-colonialism/

Butler, J. (2015). *Quadros de guerra: Quando a vida é passível de luto?* (S. Lamarão & A. M. da Cunha, Trads.). Civilização Brasileira. (Trabalho original publicado em 2009)

Chade, J. (2025). *Tomara que você seja deportado: Uma viagem pela distopia americana*. Editora Nós.

Clarke, K. (2025, 23 de abril). *Como as deportações de Trump estão testando os limites da autoridade presidencial*. Instituto Humanitas Unisinos. https://www.ihu.unisinos.br/categorias/649855-como-as-deportacoes-de-trump-estaotestando-os-limites-da-autoridade-presidencial

Correch, M. (2019). Decolonizing artivism. *Nuart Journal*, *1*(2), 104–106.

Dalton, M., & Calazans, F. (2025). Corporeidade como abordagem teórica: Uma discussão das relações interacionais na performance de cantores(as) populares. In *Anais do 34º Encontro Anual da Compós* (pp. 1–15). Compós.

Foucault, M. (1988). *A história da sexualidade I: A vontade de saber* (M. T. Albuquerque & J. A. Albuquerque, Trads.). Graal. (Trabalho original publicado em 1976)

Foucault, M. (2008). *Nascimento da biopolítica: Curso dado no Collège de France* (E. Brandão, Trad.). Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1979)

Foucault, M. (2009). *Ditos e escritos: Estética — literatura e pintura, música e cinema* (Vol. 3; I. Barbosa, Trad.). Forense. (Trabalho original publicado em 1994)

França, V. V., & Lopes, S. C. (2017). Análise do acontecimento: Possibilidades metodológicas. *Matrizes, 11*(3), 71–87.

Freitas, M. (2019). *Os corpos dissidentes de gênero nas artes visuais como reação à necropolítica*. Hipocampo. https://hipocampo.space/os-corpos-dissidentes-de-genero-nas-artes-visuais-como-reacao-a-necropolitica/

Groys, B. (2014). On art activism. *E-flux Journal*, (56), 1–10.

Kristeva, J. (1982). *Powers of horror: An essay on abjection*. Columbia University Press.

Lucca, B. (2026, 3 de fevereiro). Sexualidade, idade e nacionalidade: Curiosidades sobre Bad Bunny. *Correio Braziliense*. https://www.correiobraziliense.com.br/diversao-earte/2026/02/7346671-sexualidade-idade-e-nacionalidade-curiosidades-sobre-badbunny.html

Mbembe, A. (2018). *Necropolítica* (R. Santini, Trad.). n-1 edições. (Trabalho original publicado em 2011)

Mbembe, A. (2021). *Brutalismo* (S. Nascimento, Trad.). n-1 edições. (Trabalho original publicado em 2020)

Merleau-Ponty, M. (2011). *Fenomenologia da percepção* (C. A. R. de Moura, Trad.). Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1945)

National Football League. (2026, 9 de fevereiro). *Super Bowl LX second most-watched all time with nearly 125M viewers*. https://www.nfl.com/news/super-bowl-lx-secondmost-watched-all-time-with-nearly-125m-viewers

Newman, N., Arguedas, A. R., Robertson, C. T., Nielsen, R. K., & Fletcher, R. (2025). *Digital news report 2025*. Reuters Institute for the Study of Journalism. https://reutersinstitute.politics.ox.ac.uk/sites/default/files/2025-06/Digital_News-Report_2025.pdf

Nielsen. (2026, 10 de fevereiro). *Super Bowl LX delivers 125.6 million viewers*. https://www.nielsen.com/pt/news-center/2026/super-bowl-lx-2026/

Oropeza, V. (2025, 28 de janeiro). *7 gráficos que mostram quais imigrantes Trump quer deportar dos EUA*. BBC News Brasil. https://www.bbc.com/portuguese/articles/c1d4v543yy3o

Porpino, K. (2018). *Dança é educação: Interfaces entre corporeidade e estética*. Editora da UFRN.

Quéré, L. (2005). Entre o facto e o sentido: A dualidade do acontecimento. *Trajectos: Revista de Comunicação, Cultura e Educação, 6*, 59–75.

Quijano, A. (2005). Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In E. Lander (Ed.), *A colonialidade do saber: Eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas* (pp. 117–142). CLACSO.

Rancière, J. (2005). *A partilha do sensível: estética e política* (M. Costa Netto, Trad.). Editora 34. (Trabalho original publicado em 2000)

Raposo, P. (2015). "Artivismo": Articulando dissidências, criando insurgências. *Cadernos de Arte e Antropologia, 4*(2), 3–12. https://doi.org/10.4000/cadernosaa.909

Rolnik, S. (2018). *Esferas da insurreição: Notas para uma vida não cafetinada*. n-1 edições.

Serafini, P. (1999). *Performance action: The politics of art activism*. Routledge.

Simões, P. G. (2014). O acontecimento e o campo da comunicação. In V. V. França, A. Aldé, & M. C. Ramos (Eds.), *Teorias da comunicação no Brasil: Reflexões contemporâneas* (pp. 173–195). Edufba.

Vieira, T. D. J. B. (2007). *Artivismo: Estratégias artísticas contemporâneas de resistência cultural* [Dissertação de mestrado, Universidade do Porto]. Repositório Aberto. http://hdl.handle.net/10216/7307

## Notas Biográficas

Sthefane Felipa da Costa Pereira é doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília. É mestre em Comunicação e Sociedade pela mesma instituição, na linha de pesquisa Imagem, Estética e Cultura Contemporânea, e graduada em Comunicação Social com habilitação em Audiovisual. É membra do grupo de pesquisa Centro de Estudos sobre Tecnologia, Afetos e Subjetividades. Suas investigações concentram-se nos estudos da imagem, representações midiáticas e cultura contemporânea, com ênfase nas mídias audiovisuais, cinema indígena, decolonialidade, gênero e política.

ORCID: https://orcid.org/0000-0001-6155-2405

Email: sthefanepereira@gmail.com

Morada: Campus Universitário Darcy Ribeiro ICC Norte - Instituto Central de Ciências Norte - Asa Norte, DF, 70910-900

Marina Santiago Dalton é doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília, na linha de pesquisa Imagem, Estética e Cultura Contemporânea. É mestre em Comunicação, com a dissertação *Corporeidade, Comunicação e Música: Uma Cartografia da Formação Performática de Cantores Populares na Escola de Música de Brasília*, e graduada em

Jornalismo pela mesma instituição. É membro do grupo de pesquisa Centro de Estudos sobre Tecnologia, Afetos e Subjetividades. É formada no curso básico de piano erudito, curso básico de piano popular e curso técnico de canto popular pela Escola de Música de Brasília. É coreógrafa e bailarina certificada pelo Conselho Internacional de Dança da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura no Nível técnico 2 de ballet clássico. Suas investigações concentram-se nos estudos de corpo, cultura, performance, subjetividade, redes sociais, música e comunicação.

ORCID: https://orcid.org/0000-0003-3819-1677

Email: msdalton123@gmail.com

Morada: Campus Universitário Darcy Ribeiro ICC Norte - Instituto Central de Ciências Norte - Asa Norte, DF, 70910-900

Fabíola Orlando Calazans Machado é professora associada e pesquisadora da graduação e da Pós-Graduação em Comunicação Social da Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília. É líder do grupo de pesquisa Centro de Estudos sobre Tecnologia, Afetos e Subjetividade e membro do grupo de pesquisa Cultura, Mídia e Política. Foi vice-coordenadora de extensão da Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília, foi chefe do Departamento de Comunicação Organizacional e membro do Núcleo Docente Estruturante do curso de Comunicação Organizacional da mesma instituição. É consultora *ad-hoc* de editais de projetos do Ministério da Educação e da Fundação de Apoio à Pesquisa do Distrito Federal. É membro de corpo editorial como parecerista permanente das revistas acadêmicas *Ciberlegenda*, *Cultura, Mídia e Consumo*, *Revista FronteiraZ* e *Universidade e Sociedade*. É doutora em Comunicação Social pela Universidade de Brasília e mestre em Comunicação Social pela Universidade Federal Fluminense. Possui interesse nas seguintes áreas de pesquisa: comunicação, cultura contemporânea, subjetividades, corpo, afetos, temporalidade, trabalho, filosofia, literatura e política.

ORCID: https://orcid.org/0000-0002-7455-5936

Email: fabiola.calazans@gmail.com

Morada: Campus Universitário Darcy Ribeiro ICC Norte - Instituto Central de Ciências Norte - Asa Norte, DF, 70910-900

**Submetido: 05/06/2026 | Revisto: 09/08/2026 | Aceite: 12/09/2026**



*Este trabalho encontra-se publicado com a Licença Internacional Creative Commons Atribuição 4.0.*